



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

7 de Julho de 2007 • Ano LXIV • N.º 1652
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Setúbal

Cinquenta e dois anos de vida da Casa de Setúbal

CONTAMOS no passado dia 1 de Julho, 52 anos de vida desta Casa do Gaiato.

Para aqueles que a alicerçaram e edificaram e lhe vão dando a existência, ela é constitutiva da sua própria vida. As três dimensões do tempo, presente, passado e futuro, são igualmente importantes. Não se pode dissociar a Obra dos seus obreiros.

Quando se fala em construir uma Casa do Gaiato, fala-se da construção dos seus próprios construtores. Estes são a finalidade da Obra e, ao mesmo tempo, os seus obreiros. Por isso, o lema principal do espírito que nos guia: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

As pedras desta construção são pedras vivas. Na medida em que as pedras *inanimadas* são colocadas no seu lugar, vão os obreiros descobrindo as suas próprias potencialidades e desenvolvendo a sua personalidade. Ele é limpando as ruas e as casas, ele é preparando a mesa e a refeição, ele é regando as árvores e colhendo seus frutos, ele é embelezando as casas e seus espaços, ele é alimentando os animais e saboreando o que nos dão em troca, ele é amparando os mais pequenos e colhendo o fruto da sua presença, ele é desenvolvendo a inteligência intelectual e a espiritual. A construção é o conjunto das obras materiais e espirituais que se torna realidade em cada dia, por isso, nunca está acabada.

Sujeita às vicissitudes de toda a obra humana bafejada pelo sopro divino, não se faz sem as dores da condição humana no seu crescimento. Dores que são sinal da comunhão que nos torna

responsáveis uns pelos outros e do modo em que se desenrola a nossa vida em comunidade.

Se instintivamente o homem tende para a busca da sua sobrevivência; se este é o sentido que domina hoje na sociedade, ainda que inconscientemente; então, orientar a vida para o Outro, volta a ser uma novidade para o nosso tempo, sabendo ser este, desde o princípio, o nosso caminho.

Este sentido de vida traz-nos muitas dificuldades. Ele funda-se numa convicção profunda que se concretiza no nosso modo de viver: a confiança na Providência de Deus. «Olhai para as aves do céu: Não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as... Olhai como crescem os lírios do campo! Não trabalham nem fiam. Pois Eu vos digo: Nem Salomão em toda a sua magnificência se vestiu como qualquer deles...»

Talvez por grande parte das pessoas viverem em cidades e já não darem fé dos lírios e dos pássaros, talvez, por isso, tenham deixado de dar conta deste apelo que é para incarnar e dar novo sentido à vida. Então, por isso mesmo, andam em busca de seguranças que a Segurança humana vai estruturando, pondo de lado a Segurança com que Deus quer colaborar nos nossos trabalhos e ter parte nas nossas obras, tornando-as mais justas e fecundas.

Por isso, é tão raro encontrar quem se disponha a orientar a sua vida assim. Na complexidade da vida, onde alguém que rompa com ela e se faça simples como as pombas, mantendo a prudência para não se desviar deste caminho?

Padre Júlio

Memória

ONTEM, Domingo, celebrámos a solenidade do nascimento de S. João Baptista. Em tão grande conta tem a Igreja a vida deste ilustre personagem bíblico que no próprio Dia do Senhor, dele faz memória solene.

Dele, nos diz o próprio Jesus, de facto, não haver maior entre os nascidos de mulher...

Também em nossa Casa, na hora própria da Celebração da Eucaristia nele centrámos a nossa memória, a partir da oferta que nos fazia a Palavra de Deus própria da solenidade.

Cobria a cara de muitos, principalmente a dos mais velhos, o véu do sono... a «noitada do Santo», como manda a tradição da Cidade Invicta estava bem estampada... De todos os modos, isso não impediu que devesse ser dito o que da Palavra Divina dimanava.

Numa Comunidade como a nossa, maioritariamente composta de jovens, dissemos de João Baptista aquilo que constituirá para eles, principalmente, um grande e ardoroso desafio: a sua humildade, como homem, como crente; a sua coragem diante das decisões mais difíceis e o seu amor inquebrantável pela verdade.

A essa abordagem chamámos-lhe «a outra página», a menos folgazã, a mais escondida, porventura, a mais esquecida da sua vida.

Da humildade recordámos o que na esteira de tantos outros profetas, dela também escreveu Pai Américo de forma lapidária: «a humildade é a porta...» Porta do verdadeiro humanismo, porta de acesso à compreensão daquelas realidades que só pelo dom da fé se podem alcançar: «Eu sou a voz que brada no deserto... depois de mim vai chegar Aquele a Quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias...» Aqui contrapusemos, o modo como Pai Américo constituiu a Humildade como valor normativo da sua vida. Recordando palavras suas: «O Padre Américo é um manietado... é um impedido... vai... cumpre o mandado, mas é Deus que escolhe a hora, que começa e que termina a realização... nós somos apenas executores... é preciso pôr Deus no Seu lugar...» Os profetas de todos os tempos, realmente, aquecem-se à mesma lareira, alimentam-se da mesma mesa e bebem água da mesma fonte... É por isso que os sentimos a expressar-se na mesma língua.

É importante que se proclamem estas verdades decorrentes da Fé enquanto temos por certo que as mentes de muitos vivem intoxicadas por «produtos de marca», que pervertem a verdade do homem face a si mesmo, aos outros e a Deus.

Continua na página 4

Benguela

Ser dom para os outros...

ONTEM, foi domingo. Os Pobres não nos dão descanso. A nossa vida é para ser queimada por amor deles.

Quem me dera ter a paciência dos Pobres que nos batem à porta! É a mãe, com o bebé ao colo e outro agarrado à mão, a viver arrumada num cantinho da casa vizinha. Quer que vá com ela ver e ajudar a levantar a sua cubata. Outra, a dormir no chão duro, aconchegada por uma esteira, envolvida pelos seus filhos, vem pedir um colchão. Estamos no cacimbo, o Inverno desta região. E mais e mais.

Aquele filho pequenino que a nossa carrinha levou ao hospital,

com a morte à espreita, ressuscitou. Está são e salvo, depois de alguns dias na sala de reanimação do hospital. Os remédios caros não lhe faltaram, nem a presença do pai e da mãe. Que seria da sua vida sem a ajuda regular que lhe demos? Pobre gente que vive da nossa dependência total! É a razão de ser da nossa vida. Ser dom para os outros é a riqueza maior dum ser humano. Não são palavras para as nuvens. São para mim, para ti. Não há valor mais sublime do que a vida. Não há missão mais nobre do que dar a vida e dá-la em abundância. Experimentai. Tudo o que

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

FIDELIDADE E AMOR À IGREJA — «A Sociedade de S. Vicente de Paulo não é uma instituição 'oficial' da Igreja, mas um movimento cristão, cujos membros, geralmente leigos, procuram cumprir e testemunhar, de forma organizada, o grande Mandamento da Caridade que o Senhor Jesus deixou a todos os Seus discípulos. Sob a invocação de S. Vicente de Paulo, e numa atitude de permanente fidelidade à Igreja que nos ama, incentiva e abençoa, eles reúnem-se em pequenos grupos chamados Conferências, para responder eficazmente, em Igreja com a Igreja, ao histórico apelo de Frederico Ozanam: **vamos aos Pobres**. Embora não representando formalmente a Igreja, a Sociedade de S. Vicente de Paulo foi, e continuará a ser um dos rostos mais visíveis da Igreja junto dos Pobres. Os Vicentinos têm consciência da responsabilidade que resulta desta ligação umbilical à Igreja a que pertencem e, por isso, amam-na e são-lhe fiéis.

Estes são os princípios conhecidos e reconhecidos, mas é oportuno reavivá-los numa altura em que a Igreja que está no Porto recebeu o dom de um novo Bispo, o Senhor D. Manuel Clemente. Chegado à nossa Diocese nas circunstâncias de todos conhecidos, D. Manuel foi acolhido num ambiente de grande expectativa, de respeito e de profundo carinho. Foi um encontro que encheu o coração dos cristãos da diocese e que deve ter enchido também o coração do novo Bispo.

É com o Bispo e à volta do Bispo que se constrói a Igreja local, na sua unidade e na sua diversidade. Os vicentinos participaram activamente e conscientemente na construção desta Igreja junto de todos os homens, e junto dos mais Pobres em particular, isto sem nunca esquecer a sua dimensão de membros da Igreja Universal, reunida na sua unidade e na sua diversidade à volta do Bispo de Roma, o Papa.

Os Conselhos Centrais da Sociedade de S. Vicente de Paulo, que trabalham na Diocese do Porto, saíram com respeito e carinho o Senhor D. Manuel Clemente, prometendo-lhe a nossa humilde colaboração, e ainda o nosso respeito, a nossa fidelidade e o nosso amor à Igreja de que ele é pastor e construtor nesta parcela do povo de Deus.

A. J. S.

PARTILHA — De todo o grupo recebido, este mês, houve 1500 euros.

Assinante 73494, do Luso, «mais uma migalha, de 60 euros, para os Pobres. É de todo o coração; quem nera um dia poder mandar melhor quantia. Mas ainda não perdi a esperança disso acontecer, seria para mim uma alegria...»

Assinante 67989, 15 euros e um encorajador «Bem-hajam!»

De Bucelas, assinante 75292: «Aqui

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 52.600 exemplares

me apresento, em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, com uma pequena importância para ser distribuída pela Conferência de Paço de Sousa (75 euros) e o restante para ajudar a minorar as vossas necessidades... Tenho consciência que a mim cabe a tarefa mais fácil. Não vivo com a vossa acuidade, os problemas de saúde, de solidão, de deficientes condições de habitação, de insuficiências monetárias dos 'vossos Pobres? Como não vivo o que é educar, em família, um 'filho da rua'. Porém, de tudo isso chegam ecos à minha alma através do 'nosso Jornalzinho'. É nesta comunidade que vos brado: — Continuem sempre».

Os Pobres são muito gratos.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

S. JOÃO — Os Rapazes mais velhos foram autorizados a irem ao Porto festejar o S. João. Os mais pequenos estiveram na festa, aqui, em Paço de Sousa.

VISITAS — No dia 20 deste mês, estiveram dois grupos de visitantes. O primeiro, de Freamunde, um grupo de 140 jovens mais os professores da disciplina de Moral. Foram divididos em dois grupos, um guiado pelo Zé Reis e o outro pelo Quim. Almoçaram cá e confraternizaram com os Rapazes.

O segundo grupo veio de Aveiro — Bom Sucesso. Trouxeram o nosso Padre Acílio com eles. Os Rapazes ficaram radiantes com esta visita inesperada. Almoçaram no nosso refeitório e confraternizaram connosco.

A estes Amigos e ao Padre Acílio um grande obrigado pela visita. Voltam sempre.

ANIMAIS — Temos patos novos. Os Rapazes gostam dos patos e ficam, admirados, a observá-los.

FÉRIAS — Terminou mais um ano escolar. Os Rapazes que aproveitaram, transitam de ano; os outros, ficam retidos. No primeiro dia de férias, foram distribuídas tarefas a todos. Agora, esperamos o começo da época balnear para irmos para a nossa casa de férias em Azurara, Vila do Conde. Os Rapazes andam ansiosos por saber quem irá no primeiro turno.

A todos os nossos Amigos, professores e familiares, umas boas férias!

Zé Reis

DESPORTO — Impróprio para cardíacos?! Sim. Foi o jogo que fomos fazer a Lousada, com a Casa do Benfica. Sofrer do primeiro ao último minuto. Senão vejamos: Marcamos logo aos três minutos por intermédio de Agostinho, eles empataram. Fizemos o 1-2, novamente por Agostinho, eles voltaram a empatar. «Russo», fez o 2-3 e a Casa do Benfica, empata pouco depois. Já na segunda parte, os homens da casa fizeram 4-3 e 5-3. Agostinho, que está a atravessar um período excelente, faz 5-4 e já muito perto do termo do encontro, «Bonga», restabelece a igualdade e fixa o resultado final em 5-5. Bom! Deu para «roer as unhas», mas depois de tanto esforço, o empate foi recompensador.



O Bonga, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com os «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Setúbal no dia do convívio e jogo de futebol.

Fomos desfalcados, mas uma coisa é certa: só faz falta quem está. É pena que alguns dos nossos Rapazes se iludam com algum «malabarismo» criado ultimamente. Mas está bem!... O tempo dirá. Nós precisamos de quem ajude a estabilizar e não de quem destabilize!...

Depois do difícil jogo que tivemos em Lousada, uma semana depois, fomos ao campo do Pedrouços jogar com os Unidos Oriental F. C., em jogo da segunda mão, realizar outra final. Meu Deus! Fizemos uma primeira parte, parecia que tínhamos perdido a noite. Daí, o irmos para as cabines a perder por 2-0. Depois de conversarmos e com a entrada do («Balão» de oxigénio), tudo foi diferente. Diferente?! Diferente é favor! O nosso guarda-redes defendeu uma grande penalidade, que por sinal não existiu. Parecia que ocupava a baliza toda. Joel, um miúdo inexperiente, mas fez ver a quem tem a «mania» de ter lugar cativo. «Russo», foi cirúrgico nas faltas que fez, e sempre mais ou menos no seu lugar. «Pretinho», o negro com os pés banhados em ouro. Ilídio, o inconfundível e com nota mais. À frente: Serafim, marcou um excelente golo, fez o 2-1, faltou outro de baliza aberta, e foi o grande maestro do meio campo. «Bonga», o motor da equipa e sempre com vontade de fazer cada vez mais e melhor. «Balão», para além do que jogou e fez jogar, foi mesmo um balão de oxigénio. «Bolinhas» fez 2-2 e, mais tarde, fixou o resultado final em 2-3, nunca virando a cara à luta, mesmo que o «adversário» não lhe dê um palmo de terreno. (Oxalá ele leve tão a sério o seu dia-a-dia como chefe maior e se possível ainda mais, como leva os jogos que faz sendo vivo, corajoso e, sobretudo, humilde). Gil foi fundamental ao pôr o «adversário» sem saber o que fazer. Como ponta de lança, tivemos o Agostinho, que para além de tratar a bola como quer, é um verdadeiro ciclone: ninguém o pára! Ricardo Sérgio entrou a 20 minutos do fim e também não esteve mal.

Uma segunda parte, em que com os mesmos jogadores, tudo foi completamente diferente. «A quem sabe, nunca esquece», lá diz o ditado! No entanto, pode haver quem pergunte: — e porquê só na segunda parte?! — Eu sei porquê!...

Alberto («Resende»)

Setúbal

DESPORTO — No passado dia 16 de Junho, recebemos em nossa Casa a comitiva do nosso maior «rival» das três Casas do Gaiato: Grupo Desportivo dos Gaiatos de Paço de Sousa. Recebemo-los com grande disponibilidade e afecto. Em primeiro lugar, pudemos conviver com os elementos da equipa adversária e gostámos imenso.

Chegou, então, a hora do jogo. Pontapé de saída e, ao intervalo, estávamos a vencer por 1-0. Mas que grande golo do David Rosa!

Quando entrámos na segunda parte, vínhamos com a intenção de defender, mas com o decorrer do jogo vimo-nos forçados a marcar mais um golo para garantir a vitória, pois eles atacavam demais.

Com um grande cabeceamento do Hernâni, fizemos 2-0.

Quase no final da partida, lançámos para dentro do campo algumas jovens promessas, que se estreadam em grande!

No final a placa marcava 2-1, mas mais importante foi que saímos todos vencedores.

No dia seguinte, confraternizámos todos e adorámos.

ESCOLA — Chegou ao final mais um ano lectivo. E para não haver surpresas, houve alunos que infelizmente não conseguiram, ou não fizeram por alcançar o objectivo a médio prazo: passar de ano. Mas também houve Rapazes que fizeram por isso e mereceram passar.

Dos Rapazes que frequentam o 9.º ano foi pena só três, de sete, terem conseguido ser admitidos a exame nacional. Espera-se, agora, os resultados destes. Afinal, ainda há esperança de haver Rapazes a formarem o seu futuro.

FÉRIAS — As de Verão batem-nos à porta e os Rapazes estão radiantes para desfrutarem de mais uns momentos de descanso e divertimento no culminar do ano escolar. Alguns Rapazes foram fazer limpeza à nossa casa da Arrábida, para nós podermos ir usufruir mais um Verão que pode prome-

ter muitos projectos. Esperamos que corra da melhor maneira possível e que os Rapazes colaborem com os trabalhos a fazer na casa.

PRIMÁRIA — Os Rapazes do 1.º Ciclo, ao longo do ano, foram fazendo alguns trabalhos de desenho, pintura e barro alusivos a temas tão variados como: a nossa quinta e a praia (este último baseado nas férias do ano passado). No último dia de aulas, foram expostos no átrio da Capela para que pudessem ser observados pelos outros Rapazes e visitantes.

Danilo Rodrigues

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — O tempo não tem ajudado muito, pois tem chovido mais do que seria de esperar nesta época do ano. Daí que se atrasou o enfardamento da palha. Fizemos, ainda, as caldeiras das árvores de fruto.

JARDINAGEM — Começámos a cuidar dos canteiros dos jardins. Arrancámos ervas daninhas, cortámos a relva e apanhámos algum lixo que não foi colocado nos contentores.

PISCINA — Uma vez que as aulas terminaram e o Verão já chegou, limpámos a nossa piscina, que foi enchida para darmos uns belos mergulhos.

ESCOLA — A turma dos Alternativos terminou as aulas já no dia 15 de Junho de 2007. Felizmente o ano correu bem e, por isso, todos os 8 alunos transitaram de ano.

Os 8 alunos do 1.º Ciclo da nossa Casa terminaram as aulas no dia 22 de Junho. No último dia fizeram uma festa, onde os alunos que transitaram para o 5.º ano receberam um Diploma e um livro de Curso de final de Ciclo. No final, houve uma merenda partilhada e organizada pelos professores e na qual participou toda a nossa comunidade. Foi uma tarde de convívio e alegria.

VISITAS — No dia 23 de Junho de 2007, Sábado, recebemos uma visita de um grupo de catequese da Machada, paróquia de Pelariga, Pombal. Chegaram por volta das 15.00h. Eram um grupo bem organizado, pelos seus catequistas, que visitaram a nossa Casa, jogaram futebol e partilharam uma merenda abundante. Muito obrigado!

Gaiatos do Alternativo

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

Contrariamente à tradição, este ano, o nosso Encontro festivo do *Dies Natalis* de Pai Américo realizar-se-á em 15 de Julho.

Quanto ao resto, a tradição mantém-se e o horário é conhecido de todos. Afinal, aqui em Casa, não é o relógio que manda, mas o toque da sineta.

Momentos

O Matchunga

P RIMEIRO veio uma carta de E.P. (Estabelecimento Prisional) com o nome explícito, embora bastante tremido.

— Cá o temos — disse comigo, ao contemplar o remetente, antes de abrir a carta.

O que eu mais temia e me cavara profundo sofrimento na alma aconteceu mesmo. O Matchunga está preso!... Ninguém avalia esta dor, se, por semelhante, não passar!... A gente fica sem atinar no que fazer. Agora, quem o defende, quem o justifica, quem o ampara ou estimula com uma visita?

Por longa e dolorosa experiência sabemos o que os Pobres passam nas malhas da justiça!

Passaram-se anos e veio outra carta. Já não era remetida de E.P. Treme-nos o coração ao abri-la: — Onde e como estará?

Pedia que lhe pagasse uma dívida, feita por ele, num minimercado, comprando mantimentos. Que safra em liberdade condicional. Vivía numa casa abandonada, sem água, sem luz, e que a sua direcção postal era a do minimercado. O coração exigia que fosse, logo, inteirar-me. Mas poder?...

Rejeitado por uma família que o

adoptara, veio-me parar à Casa do Gaiato com 8 aninhos.

De cor negra, olhos vivos e meigos, receptivo ao carinho e ao trabalho, criou à sua volta uma onda de simpatia entre os colegas, os Amigos da Obra, as senhoras e eu próprio, que muito nos consolava e atraía.

Durante vários anos foi vendedor do Jornal e um dos principais elementos das Festas, como bailarino.

Com a Escola perto de Casa e bem controlado, completou o 6.º ano. O desequilíbrio deu-se quando repetia o 7.º ano, com 16 anos, na Escola da Bela Vista. Desinteresse total, ausência nas aulas, muitas queixas da directora de turma, chamadas de atenção, conversas particulares, pedidos pelo amor de Deus que pensasse na sua vida, estímulos, castigos!... Nada. Matchunga não acordava!...

A angústia começou a apoderar-se de nós: — Que vai ser dele?

Nesse tempo, a opinião pública oficial tentava arranjar argumentos contra a Casa do Gaiato e encontrou, neste adolescente, um trunfo e uma ocasião. Duas doutoras ligadas à Segurança Social e à Protecção de Menores levantaram a sua mão pro-

tectora (?) e levaram o nosso rapaz para o Centro da Juventude.

Já nos habituámos à insensatez inqualificável e legal dos últimos anos, mas sempre que se repete um acontecimento com estes contornos, a facada vem-nos direitinha ao coração. Nem uma palavra!... Um trocar de pontos de vista como era lógico, sensato e humano. Como se não lhe tivéssemos dado a paternidade, ou lhe negássemos quando ele mais precisava e nos era mais dolorosa!...

Encheram o Rapaz de ilusões. Julgaram saber e amar mais do que nós e... arruinaram-no dos pés à cabeça!... Nem Escola... nem emprego... nem nada. O Rapaz viu-se em liberdade (?) e só lhe apeteceu namorar!... Eram muito boas (!!) aquelas doutoras!... Jogavam com os filhos dos outros, ganhavam a vida e progrediam na carreira!...

Resultado: Chegou aos 18 anos e... a mama legal secou. Viu-se sem trabalho, sem família, sem dinheiro, sem armas para o ganhar!... Juntou-se a outros... e foi assaltar e a porta da cadeia abriu-se prontamente!... O Estado tem sempre formas de resolver os problemas!...

As tribulações na prisão sucederam-se: Fugiu, foi apanhado, lutou com a guarda e as penas foram-se agravando!...

Combinado pelo telefone, meti-me no comboio e fui ver onde ele vivia. Esperou-me na estação para me guiar. Era meio-dia. O Sol enchia de intensa claridade a gare moderna de linhas direitas e bom gosto, contrastando com a escuridão que me invadia, ao vê-lo a meu lado carregando uma tragédia, irresolúvel agora, que me impediram de evitar.

Passámos pelo mercado e comprámos carapaus, alface, tomate, azeite, pão, vinho e fruta. Vinagre e sal ele tinha lá. Comer onde ele vive era a forma mais eficaz de comungar a sua desgraça, curar algumas feridas e de o consolar. Mais, ainda, o seu aspecto não me dava à-vontade para me sentar com ele à mesa num restaurante daquela cidade turística.

Num táxi, por quatro euros, pusemo-nos junto da pequena elevação onde se situavam os restos do que, antigamente, fora uma habitação familiar, escondida por arbustos silvestres e canas.

Surpreendido, verifiquei que este meu filho tinha companhia. Eram cinco. Todos negros e de várias nacionalidades. Dois, tinham trabalho certo, mas por causa do fim-de-semana, em que se bebem mais uns copos — era segunda-feira — estavam todos. Outros dois, faziam biscates ou trabalhavam na Lota até às nove ou dez da manhã. O meu não trabalhava por falta de saúde e por não ter Bilhete de Identidade, que o Tribunal lhe tirara para o obrigar a apresentar-se, todos os meses.

Eu fiz a salada, para a poder lavar, em água que eles foram buscar a um senhor que lhes facilita a torneira. Eles assaram o peixe e comemos todos.

Quiseram que eu visse onde dormiam: duas salas de soalho apodrecido, cada uma com três sórdidos colchões, no chão, e alguns sórdidos cobertores por cima de cada sórdido colchão. O ar corria pelas frestas das tábuas que tapavam as aberturas das janelas e pelo tecto quase destelhado.

A senhora do minimercado, a quem me dirigi perguntando se haveria, por ali, droga, foi pronta e convicta a garantir-me que não; e mais, que eram muito amigos uns dos outros. Isso verifiquei enquanto comíamos. Até tive uma santa inveja daquela fraternidade cimentada pela pobreza. Ali não havia ciúmes desgastantes e afastadores. A pobreza nivela-os.

Padre Aclio

DOUTRINA



A sinceridade

A carta a que hoje me reporto é uma das muitas que se recebem na Aldeia, sem assinatura. Não gosto. Antes queria que cada um afirmasse a palavra com o seu nome próprio. Há dias, uma de um comunista trazia nome e morada, sim. Mas quê...? Vinha lá a dizer que não fizesse eu uso de uma coisa nem de outra. Cumprir por amor à virtude da lealdade. O mesmo foi que não trazer nome. A carta de hoje é apaixonada. Tenho recebido outras, seguramente da mesma pessoa, porque da mesma paixão. São cartas tendenciosas, perturbadoras. Eu, que tanto preciso de sossego, não fazia conta nem estou preparado para esta sorte de mensagens. Tão pouco para esta sorte de messageiros.

AQUI há tempos apareceu-me um, cara-a-cara, bem vestido e bem-falante. Assim como nas cartas, também ele começa pelo elogio à minha pessoa: levanta, encarece, proclama. Oh perigo! Assim começou este messageiro. A seguir, descreve o panorama social do mundo: os males, os remédios. Finalmente, voz um nadinha exaltada, aponta o meu cabeção e irrompe: «Tire isso daí para fora; você não é padre. Você é um dos nossos». Não lhe perguntei, nem ele me disse quem era; por isso mesmo, não sei o que seria se fosse um dos dele.

A carta a que me reporto tem tiradas semelhantes: «Sei que você não pode libertar-se da tutela do seu clã, que lhe falta a coragem dos mártires. Quem o impede de ser sincero consigo próprio, de romper de vez com o erro, com as superstições em que não crê, com a adulteração dos princípios cristãos?» Toda a carta é um vulcão. O seu autor põe-me nas alturas. Acha bem tudo o que eu faço, menos o cabeção: «Disponha-se a sofrer mais, a perder o beneplácito dos mandões, a ser excomulgado, escarnecido, vaiado, apupado como Cristo foi na Cruz.» Vê-se um Irmão da Igreja Reformada a falar. Aflige-se. Tem pena de eu ser um padre da Igreja Católica — Aquela que sempre foi! Cuido que se trata de um protestante sincero. Deus o ajude. Somente gostaria que a mim, padre católico, fosse atribuída a mesma sinceridade: «Quem o impede de ser sincero consigo próprio?»

ORA eu levanto aqui a minha voz e pergunto ao mundo inteiro se jamais algum mortal é capaz de comover almas pelo que faz e diz, sem a sinceridade consigo próprio. Mais. Porque é que este Irmão da Igreja Reformada escreve cartas assim? De onde a sua comoção? Sinceridade. Por amor da minha sinceridade.

ORA vamos aqui a um bocadinho de doutrina. Antes de o fazer, peça perdão de me ocupar da minha tão ilustre e falada pessoa. É preciso. Estava eu na minha mocidade, a ganhar o pão fora da nossa terra. Éramos muitos empregados: navegação marítima, navegação fluvial, caminhos-de-ferro, oficinas, escritório — um mundo. Católicos, dois. Um irlandês e outro português. Os mais, protestantes de várias seitas. Eram muitos, naquele tempo, os dias santos de guarda. Eram muitos os nossos trabalhos nesses dias. Pois bem. O director da casa, um calvinista, entrava no meu escritório, batia-me no ombro de mansinho e dizia: «The bell rang». Era um dia santo de guarda. Tinha tocado o sino para a Missa. Não me mandava ir. Punha-me absolutamente à-vontade; a mim o determinar-me. Ora eu sou desta escola.

OS tempos andaram. Deixei a vida que tinha e fiz-me, mercê de Deus, sacerdote católico. Eu sou do Papa. Apenas ordenado de presbítero, fui enviado pelo meu Superior reger a capela de um sítio, posta, então, ao culto. Havia no lugar um Pastor protestante em exercício. Esperava-se que o padre católico verherasse do altar. Nunca a minha santa boca se abriu para mais nada que não a homilia à estação da Missa — nunca. O Pastor desapareceu. O barracão aonde ele pontificava teve outro uso. Se me tivessem mandado refutar a doutrina protestante, tê-lo-ia feito. Não mandaram. Nunca o fiz. Preguei a Igreja Católica. Gosto de ser mandado. De vez em quando, costume ir ter com o meu Bispo a perguntar se vou bem. Não escolho o mais sábio; pode ser que haja mais sábios do que o meu. Não se me dá. Não é da minha conta. Vou àquele a quem devo obediência e Ele, a mim, vigilância. O meu Bispo. «Ande lá.» Eis as minhas credenciais. Nunca o meu Bispo me disse outra coisa: «Ande lá!» Eu cá ando. A grandeza de tudo quanto faço e digo vem toda e unicamente daqueles simples «ande lá», porquanto, sem isso, sem o «ande lá» do meu Prelado, eu não me atrevia a andar.

EU tenho para mim que a confusão dos nossos Irmãos reformados nasce toda, justamente, nisto de cada um ler e entender como lhe apraz. Não querem mandões para se tornar cada chefe em um mandão. Eu porém não leio nem entendo assim. Gosto de obedecer. Gosto da autoridade. «Ande lá.» Não preciso de mais nada. Nem outra a fórmula do Mestre aos que chamou: «Anda cá! Deixa as redes e anda». Tudo simplicidade.

A. Amis. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Benguela

Continuação da página 1

sai do coração e é dado por amor, é fio de água viva que vai matar a sede de dignidade que consome este povo. Também espero.

Foi dado um passo em frente a favor dos filhos que nascem sem o nome do pai. Estamos envolvidos neste combate até ao limite das nossas forças. Conseguimos, por força duma lei provisória, o registo gratuito de todas as crianças dos 0 aos 5 anos. Entramos na campanha por todos os meios. Queremos que no registo de todas as crianças que nascem, ao nosso alcance, fora da família constituída, conste o nome do pai e da mãe. Uma das razões apresentadas para que tal acontecesse era o registo caro. Esse motivo desapareceu, por agora.

A outra razão é mais difícil de ser ultrapassada: o desaparecimento do homem responsável pelo acto. Mas, se as autoridades competentes se envolverem, a tempo e horas, como fazem noutras circunstâncias, o mal pode ser atenuado. Os filhos de «pais incógnitos» ficam marcados para toda a sua vida. Sabemo-lo pela experiência dos que temos connosco. Não posso esquecer o desabafo dum deles: «Na minha vida só queria saber do meu pai e alguém da minha família». São razões que nos empurram para a frente. Há, sem dúvida, um trabalho de formação lenta, mas segura, que é preciso fazer junto dos jovens e adultos. Não é perder tempo, não. Está em causa um direito humano de todas as crianças.

Por este motivo, vejo, com muita alegria, o trabalho admirável que está a ser feito com grupos de meninas, adolescentes e outras, na linha da formação humana, séria e responsável, nas antigas instalações da nossa Casa do Gaiato, pelas duas Irmãs que deram as suas vidas por amor, exclusivamente. Cuidam dos bebés com carinho maternal. E vão mais além. O mundo novo que esperamos também começa aqui. Não há maior força revolucionária, capaz de operar as mudanças desejadas, do que a força da Caridade, do Amor, autêntica alma da Justiça social.

Vamos continuar a trabalhar de mãos dadas convosco. Sem vós, ficamos pelo caminho!

Padre Manuel António

Antes da Missa, às 12h00, a deposição do ramo de flores no túmulo de Pai Américo; depois dela, o almoço oferecido, uma vez mais, pela nossa Casa. Confirma, para contarmos contigo, até dia 10 de Julho.

A tarde fica ao critério de cada um; a merenda, com sardinhas e o que mais houver, marca o fim do dia.

Nem sempre as coisas correm bem neste dia e, às vezes, a falta de civismo de um ou outro atrapalha todo o trabalho de uma equipa que sabemos ser pequena e se sobrecarrega para que as

coisas saiam bem. Com o devido respeito por todas as opiniões pedimos aos que se acharem capazes que se juntem a nós em apoio e em acto, pois vem aí o momento em que vamos precisar de todos em trabalho para todos.

Que este 16 de Julho nos abra para a realidade de que estamos a criar uma Associação, com seriedade, e que quem está, não é uma comissão de festas para um dia só do ano.

Até lá, um abraço a todos e o nosso obrigado.

Júlio Fernandes

Cinquenta e um anos depois

FAZ agora um que, entre os vários actos celebrativos do cinquentenário, foi apresentado um livro, uma fotobiografia, intitulado *O Padre Américo e a Obra da Rua*, editado pela Alêtheia.

Uma prenda boa que muitos tiveram a possibilidade de possuir e ofertar, a qual é oportuno recordarmos como documento, belo para os olhos e rico de informação sobre a história da Obra da Rua e a personalidade do seu Fundador. Documento rico, todavia breve nas suas duzentas e poucas páginas que se ocupam de vários aspectos essenciais da vida e Obra de Pai Américo e dão lugar a uma vasta galeria de testemunhos de personalidades que é interessante conhecer.

Damos, hoje, à estampa dois: um que introduz o livro e é da pena da sua apaixonada obreira, a Dr.^a Helena de Sousa Pereira; o outro de um jornalista, e não só, Amigo de velha data, o Dr. Manuel Pinto Teixeira.

«Figura ímpar pela luz que derramou em época sombria, cabe-nos contribuir para que Padre Américo continue sendo uma referência nestes nossos tempos, outros, diversos, porventura só na aparência menos obscuros...»

Com efeito, esta homenagem que agora lhe prestamos pode, pelo contexto histórico, social e económico que revisita, pelas imagens que reúne, pelas palavras do fundador da Obra da Rua que convoca, dar a sensação — equívoca — de não ser hoje o papel dessa Obra tão dramaticamente urgente como outrora.

Não nos iludamos. A miséria não deixou de existir. Sofisticou-se, é tudo, mais dependente que é, agora, da pobreza extrema que, nas décadas que assistiram ao nascimento e expansão da Obra da Rua, lhe marcava o rosto e a origem. Não nos iludamos. Se a «orfandade-de-pais-vivos» — situação maioritária dos rapazes que actualmente recolhem às Casas do Gaiato — é mais cruel e difícil de gerir, também o é a tarefa de uma Obra que quotidianamente se confronta com a miséria que venceu a fome, a tuberculose e a tina, mas que se esconde na mais que debatida «crise» dos valores, na vertigem da droga, na família que se vaporizou.

Já se disse sobre tudo isto. Talvez. Mas nem pela banalização de uma verdade — que lhe mina a força,

essa virtualidade que tem de ferir o real — conseguimos, em definitivo, escapar-lhe. Não nos iludamos. Nada há de nostálgico na evocação, hoje, da vida e da obra de Padre Américo. É uma vida e uma obra — uma vida feita Obra — que até hoje fere e denuncia, luz sobre a penumbra do hábito a que os olhares, tão solícitos, se habituam.

A Obra da Rua está viva e recomenda-se, fustigada, aqui e ali, pelo Sistema, de que continua acolhendo os «casos» que o próprio Sistema não previu...

Útil para além das teorias e dos conceitos, devemos-lhe a luz que teima em projectar sobre tantas vidas. Saibamos todos apoiá-la. E merecê-la.»

«A miséria humana não é uma fatalidade sem solução. É, quase sempre, fruto de políticas erradas por parte dos detentores do poder. E não é um fenómeno de hoje. Acompanha o homem desde sempre, em todas as latitudes e longitudes do planeta.

Mas ao longo dos tempos sempre a sociedade gerou no seu seio homens e mulheres que, nas mais diversas condições, elegeram a defesa dos mais desfavorecidos como seu objectivo de vida. Desde Luther King a Mandela, desde Gandhi a Teresa de Calcutá... são incontáveis os que fizeram das suas vidas um combate pelos pobres.

Dos grandes nomes mediáticos se encarrega a história de lhes enaltecer os feitos. Mas dos humildes, daqueles para quem os holofotes públicos nunca olharam verdadeiramente, fala o testemunho da sua obra, no mais sonoro de todos os gritos.

O Padre Américo, o pai da Obra da Rua, o inspirador do Calvário, o autor da tese de «Não há rapazes maus», esse deixou-nos, na humildade do seu trabalho silencioso, o mais poderoso de todos os exemplos e desafios: dar a todos um tecto, uma cama, e um prato.

Mensagem simples, sem destinatários especiais, mas flagrantemente inquietante para as consciências de todas as idades e condições. Acabar com os pobres tem tanto de utopia como de realista. Mas ser verdadeiramente solidários é o contributo mínimo que a nossa condição de seres humanos exige na essência do próprio ser...»

Padre Carlos

PENSAMENTO

Acoimam-me pr'ái de poeta: «Só sabe pintar lérias e pedir!» Como se não tivéssemos o direito de usar com liberdade os dons que Deus nos concede! Pois não é o próprio Jesus de Nazaré a mandar que cada um faça render os seus talentos? E se eu não tenho outros, como posso esconder este de ser poeta das almas e mendigo de Deus? Se com isto faço mal, que me digam onde está o erro. Se bem, porque me apedrejam?

A vida de cada mortal não consta em fazer coisas grandes mas, sim, ser fiel nas pequenas. Posso ser épico a «pintar lérias», se o faço por amor de Deus. Outros terão o dom da eloquência. Outros, do saber. Outros, do presidir. A graça é uma só.

PAI AMÉRICO

Malanje

O nosso telefone

VEIO o Senhor Ministro dos Petróleos com o seu ministério para, aqui, em Malanje, fazerem a sua reunião de trabalho. O começo foi a entrega de três doações! Hospital, uma ambulância; estudantes de Teologia da Igreja Metodista, computadores; e Casa do Gaiato com material das oficinas — muito e bom.

Doentes, estudantes e pobres!

Está bem. Foi um bom começo dum reunião que pelas obras terá frutos.

Já temos rede. A Unitel montou uma antena perto de nós. O nosso telefone é 923734233. Podes falar connosco. Quebrou o nosso isolamento. A possibilidade de palavras amigas dá-nos alegria — a palavra conduz ao conhecimento, este ao amor. É mais um caminho nas lonjuras do planalto malanjino. Esperamos por ti — mesmo que envolto na neblina do cacimbo. Neste, o céu está sempre azul.

A força da vida

UMA vaca teve gémeos. Dois vitelinhos mais lindos! Apreciamos o carinho da mãe — lambendo ora um, ora outro. Eles um de cada lado mamando com força. A força da vida.

Lembro uma visita a uma vila do Dundo. Recebeu-nos o Administrador: Que iríamos ficar na nova casa da Administração. Já lá estavam duas camas e roupa; que fizéssemos nós as camas, pois a esposa tinha tido ontem bebé. Nós que sim, encantados! Depois de jantar fomos para a nossa casa. Vimos luz. Entramos e, na sala de visitas, o quadro maravilhoso da esposa aleitando o bebé, no regaço, outro menino e, de pé, bem encostadinha à mãe, uma menina de 3 anos. Fiquei pasmado de encantamento. A senhora esposa já nos tinha feito as camas. Tinha onze filhos e o mais velho — só 18 anos! Senti-me pequenino neste santuário de amor e vida!

Pobre Europa que te comprazes com matança de bebés!

Padre Telmo

Moçambique

Dia da Independência

CELEBRAMOS hoje, 25 de Junho, a Independência de Moçambique. O programa da Casa foi muito simples. De manhã, após o pequeno-almoço, o hastear da Bandeira e canto do Hino Nacional. A Bandeira é um símbolo garrido, como as cores de Moçambique. O significado ainda está longe de ser a realidade do país. O vermelho, do sangue derramado pela Independência e das cores. Talvez a que melhor percebam, porque está nos traumas e emoções transmitidas geneticamente, ou pela tradição recente. Para os nossos mais velhos, ainda muito vivas, porque vividas. Para todos, o homenagear a Bandeira é um necessário ensaio de amor à Pátria, ao seu património histórico, ao florir dos valores. É um elevar das mentes para um ideal de vida a construir.

É urgente ajudar a despontar aqueles que trazem consigo marcas profundas de violência e discriminação familiar e social. Quantos não acreditam neles mesmo nem aceitam a confiança que a todo o custo queremos dar-lhes. O que fazemos como estímulo, para eles, é mudança tão difícil que nem a linguagem do carinho ajuda.

Ao almoço, o refeitório rescendia com o bom cheiro da comida, mas foram sôfregos, porque havia desporto entre grupos de fora que não

têm campo. Jogo de torneio com as Aldeias circundantes, que terminará no aniversário de Pai Américo. Um guarda-redes fracturou um dedo. Coisa rara, certamente, mas não de admirar, se no jogo se extravasava a violência inconsciente. A nossa ambulância levou-o para o Hospital.

Do meio-dia à noite, tivemos visitas. Três grupos. Um esteve até ao escurecer. Fizeram o almoço, rezaram, cantaram e dançaram. A nossa Capela presta-se. A cobertura é a de uma ampla palhota. Todos, como se dentro de sua casa, ali se sentem bem e não duvidamos que o Pai do Céu gosta de nos ver lá dentro. Tem horizontes próximos e longínquos, com floresta, savana e terrenos de cultura. Casas ao perto e ao longe. Até a cidade se torna próxima. É um mundo variado o que se acolhe ali dentro, mais variado que, o vindo da cidade, traz dentro de si. Gosto tanto de lhe chamar «Tenda do Encontro». Quando acompanho alguém de visita, pela primeira vez, ouço sempre uma exclamação. Uma surpresa que encanta e eleva até Deus.

Após a oração e refeição em comum, apagaram-se as luzes. Eram, já, sete horas e noite escura. Pelas mesas acenderam-se pequenas velas, num prato cheio de doces para os companheiros e uma prenda para os que fizeram anos, nestes dias mais

próximos. Os parabéns e as palmas do estilo, conforme o chefe ia anunciando o nome e a idade, de 9 a 23. Só Vasquinho, no fim, veio à mesa dizer que só fez anos quando era bebé.

Padre José Maria

Memória

Continuação da página 1

Do amor à Verdade e da coragem em assumir posturas incómodas e frontais diante dos valores mais altos, tal como o da fidelidade aos compromissos assumidos — atitude que custou a vida a João Baptista — reflectimos sobre as dificuldades sentidas até na busca da perfeição Nas pequenas coisas: cumprimento de horários, amor ao estudo, responsabilidade nas obrigações, etc. Adaptámos o testemunho do Santo, testemunho de qualidade e de radicalidade às pequenas coisas do nosso dia-a-dia e viver de família.

Uma pequena história, ocorrida na tarde desse dia, teria sido uma

boa ilustração. Estávamos nós na varanda do escritório da tipografia. Era hora morta da tarde, quase fim do dia. Certo carro estacionou um pouco acima do meio da avenida, perto do pomar das ameixoeiras, agora, carregadinhas do fruto sedutor «pecaminoso». É um delírio olhar para elas! Do carro saiu um pequeno dos seus 10 anitos sob o olhar vigilante do condutor, que subemos ser o próprio pai. Vim-lo dirigir-se para as ditas «sedutoras» de saco na mão. Já ia a subir a árvore quando atalhámos... O miúdo, claro, fugiu para o carro. O condutor, surpreendido, em vez de «arrancar» fez marcha-atrás e veio-nos pedir explicações... E

tivemos que lhas dar! Ficámos atónitos. O resto já nós podemos imaginar... E quanto a consequências na alma desta criança? Que conceitos de vida moral? Que autoridade e respeito pelo alheio?

Sobre o amor à Verdade e o respeito pelo «alheio», Pai Américo é uma súpula! Seus escritos constituem um verdadeiro despertar de alma na tarefa educativa e para todas as idades.

Com esta nossa meditação em nada diminuímos o que pensa e sente o povo sobre o Santo... Quisemos centrar os nossos, porém, na «página escondida» desta vida tão radical e atractiva que constituirá sempre um verdadeiro desafio à mediocridade em que muitos sectores da vida educativa, familiar e social parecem ter mergulhado nos nossos dias.

Padre João